

RACISMO AMBIENTAL NO MORRO DO CÉU: ENTRE A SOBREVIVÊNCIA E A ESCRIVÊNCIA

Suellen Andrade de Sá

Universidade Estadual do Rio de Janeiro – FFP, Rio de Janeiro, São Gonçalo

suellen.andrade083@gmail.com

O racismo ambiental no Brasil expressa a forma como populações negras e periféricas são historicamente submetidas a condições desiguais de existência, sendo direcionadas para territórios marcados pela precarização, pela ausência de políticas públicas e pela exposição constante a riscos ambientais. Essa dinâmica não é acidental, mas resultado de processos históricos que articulam racismo estrutural, desigualdade social e gestão urbana excludente. Nesse contexto, o Morro do Céu, localizado no bairro do Caramujo em Niterói (RJ), configura-se como um território emblemático ao abrigar um dos maiores depósitos de resíduos da cidade, impactando diretamente a vida dos moradores.

A presença de um lixão a céu aberto produz não apenas degradação ambiental, mas também processos contínuos de adoecimento físico, social e simbólico. Ao mesmo tempo, o lixo se transforma em meio de sobrevivência para diversos sujeitos, especialmente catadores de materiais recicláveis. Essa contradição, entre sustento e adoecimento, revela a complexidade das dinâmicas sociais presentes no território. Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar o racismo ambiental no Morro do Céu, articulando geração de renda, saúde, interseccionalidade, escrituração e dororidade, além de destacar a urgência de narrar as experiências dos sujeitos que vivem essa realidade ainda hoje.

Metodologia

A pesquisa possui caráter qualitativo e encontra-se em desenvolvimento, articulando revisão de publicações feitas sobre o local e análise de entrevistas dos moradores. A proposta metodológica se ancora na escrituração, conceito elaborado por Conceição Evaristo, que compreende a escrita como expressão das experiências vividas, sobretudo por sujeitos historicamente silenciados. Assim, a pesquisa busca romper com uma lógica distanciada de produção de conhecimento, valorizando as narrativas dos próprios moradores e trabalhadores do Morro do Céu.

As entrevistas foram realizadas com catadores de materiais recicláveis e moradores da região, com o objetivo de compreender suas trajetórias, relações com o trabalho no lixo, percepções sobre o território e impactos na saúde ao longo do tempo. Espera-se que esses relatos evidenciem tanto os processos de adoecimento quanto às estratégias de sobrevivência e resistência construídas no cotidiano.

A análise também se fundamenta na perspectiva da interseccionalidade, compreendendo como marcadores sociais como raça, classe, gênero e idade atravessam essas experiências. O conceito de dororidade, desenvolvido por Vilma Piedade, orienta a compreensão das dores compartilhadas entre mulheres negras, especialmente em contextos de vulnerabilidade social no Morro do Céu - Caramujo.





Foto: guia de Niterói

Resultados e Discussão

O Morro do Céu evidencia de forma concreta como o racismo ambiental estrutura territórios e define quais populações serão expostas à degradação ambiental. A concentração de resíduos sólidos em uma área habitada majoritariamente por população negra e de baixa renda revela uma lógica de descarte que ultrapassa o lixo material, atingindo diretamente a dignidade dessas vidas.

As condições ambientais observadas — como o mau cheiro constante, a presença de chorume, a contaminação do solo e da água e a proliferação de insetos — configuram um cenário de insalubridade permanente. Essas condições contribuem para o desenvolvimento de doenças respiratórias, infecções e outros agravos à saúde que se acumulam ao longo do tempo, evidenciando um processo contínuo de adoecimento, uma das trabalhadoras Nilcéia Santos diz em seu depoimento “[...] Eu nasci saudável, depois de anos trabalhando no sereno, no frio, agora tenho problema respiratório, minha pele já teve várias infecções, já fui pro médico por comer comida daqui, mas faz parte a gente tem que comer né”. Muitos trabalhadores, ao longo dos anos, passam a apresentar dores crônicas, cansaço extremo e complicações de saúde decorrentes da exposição prolongada ao lixo e do esforço físico intenso.

Nesse contexto, o trabalho com resíduos também assume uma dimensão geracional. Em muitas famílias, a atividade de catar materiais recicláveis atravessam gerações, sendo transmitida como forma de sobrevivência diante da ausência de oportunidades. Essa continuidade não expressa escolha, mas a falta de emprego, a ausência de políticas públicas eficazes e a não inserção da população negra em condições dignas de trabalho. O que se apresenta como tradição, na verdade, revela a permanência de desigualdades estruturais.

A geração de renda a partir do lixo explicita uma contradição profunda: o mesmo espaço que adoce é o que sustenta. Catadores encontram no lixão uma possibilidade de sobrevivência, ainda que em condições extremamente precarizadas. Essa realidade evidencia como o sistema econômico e social empurra determinados corpos para atividades insalubres, naturalizando a exploração e a desigualdade.



Além disso, é fundamental compreender os impactos subjetivos dessa realidade. Ao viver e trabalhar diariamente em meio ao lixo, muitos sujeitos internalizam sentimentos de desvalorização, como se suas próprias vidas fossem tratadas como descartáveis. Nesse sentido, o racismo ambiental também opera no campo simbólico, produzindo subjetividades marcadas pela desumanização. A moradora Rosileia Silva diz em entrevista para a revista consciência, que:

“Aqui a gente recebe o lixo da madame, do desembargador, do prefeito e ao mesmo tempo nós não temos nada. Ou seja, somos lixo também. Não temos ruas ,asfaltadas, luz nem encanamento. Para eles tanto faz, jogam fora e acabou” (SILVA, 2016).

A ideia de que “se vive no lixo porque se é parte dele” revela a violência dessa estrutura. A interseccionalidade permite aprofundar essa análise ao evidenciar que os impactos não são homogêneos. Crianças crescem em meio a esse cenário, naturalizando a precarização; idosos enfrentam o agravamento de doenças; e mulheres negras acumulam múltiplas jornadas de trabalho, sendo atravessadas por sobrecargas físicas e emocionais. É nesse contexto que emerge a dororidade, entendida como a dor compartilhada entre mulheres negras que, mesmo diante das violências estruturais, constroem redes de apoio, cuidado e resistência. A Marilene Damasceno compartilhou conosco, que:

Tem que ter muita garra pra ser mulher pobre, perdi minha filha aqui dentro por pneumonia, ela não tinha com quem ficar, trouxe pra cá, não tive ajuda dessa galera grande pra enterrar minha filha não, eu tive gente daqui, tive minha irmã, minha cumadre, é o que tive” (DAMASCENO, 2026)

A escrevivência, por sua vez, torna-se uma ferramenta fundamental, concebida como a escrita parte das experiências vividas, ela permite que os próprios sujeitos narrem suas histórias, rompendo com o silenciamento histórico. Há uma urgência em contar essas vidas, em registrar essas trajetórias e em transformar essas experiências em conhecimento. Não se trata apenas de produzir dados, mas de afirmar a humanidade de sujeitos que historicamente tiveram suas vozes negadas e suas vidas resultantes de uma não reparação histórica.

Outro aspecto importante diz respeito à limitação dos horizontes de futuro. Em um contexto marcado pela urgência da sobrevivência, muitas vezes não há espaço para sonhar para além da realidade imediata. A vida é organizada em torno do trabalho, da sobrevivência e da resistência cotidiana. Essa ausência de perspectivas não é individual, mas resultado de uma estrutura que nega oportunidades e restringe possibilidades.

Dessa forma, torna-se evidente que essa realidade não é natural, mas produzida e compartilhada por gerações. A permanência dessas condições revela a responsabilidade do Estado, seja pela omissão, ou seja pela insuficiência de políticas públicas capazes de garantir condições dignas de vida.



Foto: Leonardo Simplicio



Foto: Ong Remar

Conclusões

O Morro do Céu evidencia que o racismo ambiental atua como um mecanismo de produção e manutenção de desigualdades, ao destinar territórios precarizados a populações específicas. A relação entre lixo e sobrevivência revela uma dinâmica marcada por contradições, em que o sustento se constrói em meio ao adoecimento.

A escrevivência se apresenta como ferramenta essencial para dar visibilidade às experiências dos sujeitos, enquanto a dororidade evidencia formas coletivas de enfrentamento das opressões. A análise interseccional permite compreender que os impactos do racismo ambiental são múltiplos e atingem de maneira diferenciada os sujeitos. Conclui-se que o enfrentamento do racismo ambiental exige políticas públicas efetivas que garantam condições dignas de vida, trabalho e saúde, além do reconhecimento das populações afetadas como protagonistas de suas próprias narrativas.

Palavras-chave: racismo ambiental; escrevivência; catadores; interseccionalidade; Morro do Céu.



ACSELRAD, Henri. **Justiça ambiental e cidadania**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
CADERNO NITERÓI. **Meio ambiente: Prefeitura (Clin), Inea e Águas de Niterói são denunciados por crime ambiental**. *Jornal do Brasil*, 4 dez. 2019. Disponível em: https://www.jb.com.br/rio/caderno_niteroi/2019/12/1020678-meio-ambiente---prefeitura--clin---inea-e-aguas-de-niteroi-sao-denunciados-por-crime-ambiental.html. Acesso em: 08 abr. 2026.

DISCENTES DA GRADUAÇÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA PUC-RIO. **Racismo ambiental: para entender o G20**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2024. Cartilha.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós**. Belo Horizonte: Mazza, 2008.

HOCHÉ, Letícia. **Racismo ambiental e territórios periféricos em Niterói**. UERJ, 2024.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017.

PORTO, Marcelo Firpo; PACHECO, Tania. **Conflitos e injustiça ambiental no Brasil**. Rio de

Janeiro: Fiocruz, 2009.

REMAR BRASIL. **Remar Brasil transforma vidas: esperança y comida en el Morro do Céu, Niterói**. REMAR, 9 set. 2025. Disponível em: <https://remar.org/remar-brasil-transforma-vidas-esperanza-y-comida-en-el-morro-do-ceu-niteroi>. Acesso em: 08 abr. 2026.

REVISTA CONSCIÊNCIA. **Desativação do lixão do Morro do Céu deixa catadores sem emprego**. Disponível em:

<https://revistaconsciencia.com/desativacao-do-lixao-do-morro-do-ceu-deixa-catadores-sem-emprego/>. Acesso em: 08 abr. 2026.

